

Condições de trabalho da enfermagem no Brasil: uma abordagem a partir da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil*

Working conditions of nursing in Brazil: an approach from the research Nursing Profile in Brazil

Maria Helena Machado¹, Maria Ruth dos Santos², Mônica Wermelinger³, Monica Vieira⁴, Wilson Aguiar Filho⁵

* Artigo produzido com base nos dados da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, Fiocruz-Cofen, 2015.

¹ Socióloga. Doutora em sociologia. Pesquisadora titular da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Coordenadora-geral da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil. (Fiocruz/Conselho Federal de Enfermagem – Cofen). machado@ensp.fiocruz.br

² Farmacêutica. Doutora em saúde pública. Pesquisadora colaboradora do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Recursos Humanos em Saúde (NERHUS) da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. ruthsantosjf@gmail.com

RESUMO O artigo apresenta dados concernentes às condições de trabalho da equipe de enfermagem no País, que congrega mais de um 1,8 milhão de trabalhadores, a partir dos resultados obtidos pela pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil. Trata-se de um estudo transversal, abrangendo todos os enfermeiros, técnicos e auxiliares inscritos no Sistema Conselho Federal de Enfermagem (Cofen)/Conselhos Regionais (Corens) no ano de 2013, possuindo, portanto, abrangência nacional. A pesquisa mostrou que, se por um lado, existe um clima de confiança e respeito entre os colegas, por outro, tal não é encontrado quando a questão é reportada para a população usuária dos serviços de saúde. Mostra também que, embora exista confiança dos seus chefes com o seu trabalho, estes se mostram distantes e inacessíveis, quer quando o profissional necessita de ajuda, quer para expressarem suas opiniões ou queixas sobre o trabalho. Os profissionais reportam também a existência de violência e discriminação no ambiente de trabalho, constatando-se elevado percentual de desgaste profissional, com expressivo número de licenças médicas e/ou necessidade de atendimento médico, sendo que a maioria assinala que, quando adoecem, não são atendidos na própria instituição em que atuam. Os dados apontam para a necessidade de adoção urgente de políticas públicas, capazes de reverter o sério quadro encontrado, referentes às condições de trabalho, uma vez que tais questões acarretam enormes prejuízos para a qualidade da assistência prestada à população.

PALAVRAS-CHAVE Condições de trabalho. Pesquisa em enfermagem. Profissionais da saúde.

ABSTRACT *The article presents data concerning the nursing staff working conditions in our country, which brings together more than one million and eight hundred thousand workers, from the results obtained by the research Nursing Profile in Brazil. This is a cross-sectional study, covering all nurses, technicians and auxiliaries enrolled in the Federal Council of Nursing (Cofen)/Regional Council of Nursing (Corens) System in 2013, having thus nationwide coverage. Research has shown that, on the one hand, there is a climate of trust and respect among colleagues, but on the other hand that is not found when the matter is reported to the user population of health services. It also shows that while there is confidence in their leaders with their work, they seem to be distant and inaccessible, whether when the professional needs help, or when they want to express their opinions or complaints about the work. The professionals also report the existence of violence and discrimination in the workplace, noting a high percentage of professional wearing, with*

with a significant number of medical licenses and / or need for medical care, and the majority points out that, when they get sick, they are not served in the institution where they work. The data point to the need for urgent adoption of public policies that can reverse the serious situation found relating to working conditions, since these issues entail huge losses to the quality of care provided to the population.

KEYWORDS Working conditions. Nursing research. Health personell.

Introdução

O impacto que as condições de trabalho acarretam sobre os profissionais que integram a equipe de enfermagem – enfermeiros, técnicos e auxiliares – se constitui em tema de recorrente discussão e estudos de profissões, especialmente se considerar que o trabalho de enfermagem está

presente 24h/dia nas instituições de saúde com internação e durante toda a jornada em outras instituições de saúde, o que torna mais intenso o impacto das condições de trabalho. (FELLI, 2012, P. 178).

Com efeito, pode-se estabelecer que condições de trabalho

representa o conjunto de fatores – exigências, organização, remuneração e ambiente de trabalho – capaz de determinar a conduta do trabalhador,

sendo que

satisfação, conforto, carga de trabalho, fadiga, doenças e acidentes são as consequências dessa resposta individual sobre o estado físico, mental e psicológico. (ABENRIO, 2006, P. 24).

Em 2011, no Fórum sobre Recursos

Humanos na América Latina, realizado em Quito (Equador), evento promovido pelo Conselho Internacional de Enfermagem, com a colaboração da Federación Ecuatoriana de Enfermeras e da Federación Panamericana de Profissionais de Enfermería, com a finalidade de analisar as condições de trabalho da categoria na América Latina, foi destacada, dentre outras questões, a degradação das condições de trabalho no contexto de mudança das políticas de governo, bem como o impacto de diferentes acordos sobre o mercado de trabalho, que afetam a segurança, a renda e o ambiente de trabalho. Foram levantadas e identificadas, também, evidências que afetam a profissão, tais como ambientes

[...] desfavoráveis para a prática profissional, devido à precariedade do processo de trabalho e terceirização; sobrecarga de trabalho e diminuição da renda; falta de segurança no ambiente de trabalho; aumento da violência contra enfermeiros nos locais de trabalho, gerando altos níveis de estresse e insegurança para o exercício da profissão. (BARRETO; HUMEREZ; KREMPPEL, 2011, P. 252).

Apesar de nos últimos anos ter havido um incremento na produção científica sobre esse assunto, eles estão mais voltados para aspectos pontuais, sobretudo relacionando

³ Bióloga. Doutora em saúde pública. Pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Participou da equipe técnica da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil (Fiocruz/Conselho Federal de Enfermagem – Cofen).
monicaw@fiocruz.br

⁴ Socióloga. Doutora em saúde coletiva. Pesquisadora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Participou da equipe técnica da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil (Fiocruz/Conselho Federal de Enfermagem – Cofen).
monicavi@fiocruz.br

⁵ Enfermeiro. Mestre em saúde pública. Pesquisador colaborador do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Recursos Humanos em Saúde (NERHUS) da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. Participou da equipe técnica da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil (Fiocruz/Conselho Federal de Enfermagem – Cofen).
aguia.wilson@gmail.com

condições de trabalho e violência, e também com adoecimento da Força de Trabalho (FT). Neste campo, os estudos apontam que os principais problemas de saúde encontrados entre os profissionais estão relacionados com a coluna vertebral (lombalgias) e outros de cunho ortopédico – decorrentes da sobrecarga física a que são submetidos –, doenças do aparelho geniturinário, problemas reumatológicos, hipertensão arterial e acidentes, como contusões e entorses e com material perfurocortante (GRECO; MOURA, 2013). Entretanto, outras questões também relacionadas com esse processo parece que não têm sido suficientemente investigadas, considerando-se a inexistência de um estudo capaz de fornecer um diagnóstico mais abrangente sobre as condições de trabalho dos profissionais de enfermagem, nacionalmente.

Nesse sentido, a pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil buscou conhecer a realidade onde eles atuam, por meio da inserção de questões pertinentes às condições de trabalho, contidas no Bloco 6 da pesquisa, que trata da satisfação no trabalho e relacionamento¹. Embora questões sobre acidentes de trabalho sofridos e motivos que levaram a procurar atendimento médico tenham sido pontuados, os resultados não são aqui apresentados, ficando para trabalhos próximos, permitindo, dessa forma, oferecer subsídios para futuras análises nesse campo.

Metodologia

Trata-se de um estudo transversal, que teve como principal objetivo conhecer a

situação atual da enfermagem no País, no recente contexto socioeconômico e político brasileiro. Envolveu um número importante de profissionais – mais de 1,8 milhão de trabalhadores, entre enfermeiros, técnicos e auxiliares, que possuem registro ativo no Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), que foram representados por meio de amostragem e selecionados aleatoriamente.

O levantamento foi de base nacional, e a amostra representada segundo variáveis selecionadas como as das categorias profissionais, sexo, idade, município de residência, entre outras, sendo o seu instrumento de coleta um questionário que foi postado para todos os respondentes da amostra. Após o pré-teste, o questionário passou a ter sete blocos, dos quais um deles se refere à situação das condições em que os trabalhadores da enfermagem atuam, incluindo variáveis em relação às condições laborais e relacionamentos que se estabelecem no mundo do trabalho².

Resultados e discussão

A pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil buscou captar a percepção que os enfermeiros, técnicos e auxiliares têm em relação às condições de trabalho e de relacionamento a que estão submetidos nos ambientes em que desempenham as suas atribuições. Em um primeiro momento, avaliou um conjunto de variáveis que dizem respeito a como os profissionais se sentem nos seus locais de trabalho, como pode ser visto no *quadro 1*.

¹ A pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil foi fruto de parceria entre o Conselho Federal de Enfermagem e a Fundação Oswaldo Cruz, por meio do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Recursos Humanos na Saúde do Departamento de Administração e Planejamento em Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (NERHUS/Daps/Ensp/Fiocruz). Os blocos constantes do instrumento utilizado para a realização da pesquisa foram os seguintes: 1. Identificação socioeconômica; 2. Formação profissional (enfermeiros); 3. Formação profissional (auxiliares e técnicos de enfermagem); 4. Acesso à informação técnico-científica; 5. Mercado de trabalho; 6. Satisfação no trabalho e relacionamento; 7. Participação sociopolítica. Os relatórios com os resultados foram entregues ao Cofen, sendo composto de 28 volumes, incluídos o Brasil e os 27 estados da Federação (MACHADO *et al.*, 2015).

² Para maior descrição da metodologia empregada para a realização da pesquisa, consultar Machado (2016).

Quadro 1. Relacionamento e relações no trabalho dos enfermeiros e auxiliares e técnicos de enfermagem – Brasil, 2013

Variáveis	Enfermeiros (% sim)	Aux./Téc de Enfermagem (% sim)
1. Tratamento com cordialidade e respeito pelos seus superiores	72,2	65,4
2. Tratamento com cordialidade e respeito pela equipe de saúde	72,2	66,9
3. Tratamento com cordialidade e respeito pelos demais membros da equipe de enfermagem	74,4	66,6
4. Tratamento com cordialidade e respeito pela população usuária	59,9	43,4
5. População, familiares e pacientes demonstram satisfação com seu trabalho	75,4	74,7
6. Clima de confiança entre os colegas de trabalho	61,0	59,5
7. Conduta profissional dia-a-dia é respeitada pelos seus colegas	76,4	73,1
8. Disponibilidade do chefe em ajudá-lo em situações de dificuldades	62,9	63,0
9. Liberdade de se expressar com seus superiores (chefia, coordenação, direção etc.)	66,2	60,6
10. Confiança de seu chefe em seu trabalho	79,7	70,1

Chama a atenção que, dos dez itens relacionados, em oito, os percentuais de respostas positivas dos auxiliares e técnicos são inferiores aos dos enfermeiros. Os quatro primeiros itens abordados referem-se ao tratamento recebido pelos profissionais por distintos segmentos. Os dados mostram que a maioria (embora com percentuais menores para os auxiliares e técnicos) considera que é tratada com cordialidade e respeito, tanto pelos superiores quanto pela equipe de saúde, assim como pelos próprios membros da equipe de enfermagem.

Situação que merece atenção e preocupação refere-se à percepção dos enfermeiros e dos auxiliares e técnicos quanto à população usuária (seus pacientes), nos quais apenas 60% e 43,1%, respectivamente, afirmam receber tratamento cordial e respeitoso daqueles que são atendidos por eles. Contraditoriamente, a maioria (75,3% dos enfermeiros e 74,2% dos auxiliares e técnicos) sente que a população, os familiares e os próprios pacientes

demonstram satisfação com o trabalho prestado, embora essa mesma população mostre desrespeito e baixa cordialidade com esses profissionais.

Machado *et al.* mostra que é

Importante observar que essa ‘pouca cordialidade e respeito’ da população usuária do sistema de saúde, de um modo geral, para com a equipe, reflete na verdade, uma forma descortês e pouco respeitosa desses usuários e familiares com a equipe de saúde como um todo. Relatos e denúncias são recorrentes descrevendo situações em que médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais enfim, toda a equipe, especialmente aqueles mais da linha de frente do atendimento, são frequentemente agredidos, física e verbalmente, tendo que recorrer, muitas vezes, à ajuda policial. Esse clima é inadmissível no ambiente de saúde, requerendo das autoridades públicas medidas protetoras e inibidoras destas situações para com a equipe de saúde. (MACHADO ET AL., 2016, P. 65).

No entanto, apesar de a maioria ter reportado sentimento de tratamento cordial e respeitoso e, considerando a necessidade de que todos aqueles que fazem parte das relações de trabalho na saúde (superiores, equipe de saúde e de enfermagem, usuários etc.), tratem uns aos outros com respeito, cordialidade e urbanidade, os dados da pesquisa sugerem um ambiente de trabalho que precisa melhorar no que tange à adoção de comportamentos respeitosos e cordiais.

Os cinco últimos itens pesquisados retratam a dinâmica estabelecida entre eles em seu ambiente de trabalho. Chama a atenção que o quesito referente ao clima de confiança entre os colegas de trabalho é o pior avaliado por eles, enquanto a confiança do chefe no trabalho desenvolvido é a melhor posicionada. No entanto, fica claro que, apesar dessa confiança, os profissionais não obtêm dele a proteção e a disponibilidade em momentos de dificuldades (pouco mais de 60% para ambos: enfermeiros e auxiliares e técnicos) e muito menos se sentem com liberdade para expressarem o que pensam em relação às questões do trabalho (ambos com 66,2%).

As ações dos profissionais de enfermagem estão alicerçadas nos valores da profissão e no Código de Ética de Enfermagem, dessa forma, os percentuais de 76,6% para os enfermeiros e de 72,8% para os auxiliares e técnicos revelam a existência entre os pares de um clima de respeito profissional em relação às condutas adotadas.

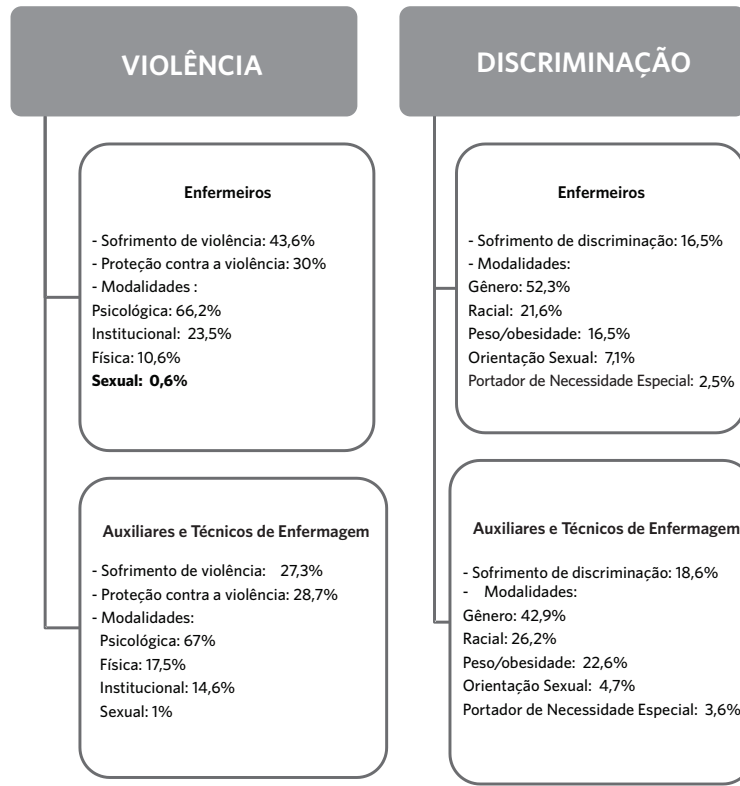
No que concerne à percepção da proteção contra qualquer modalidade de violência no trabalho, somente 30% dos enfermeiros e 28,7% dos auxiliares e técnicos revelam se sentir seguros, evidenciando uma realidade preocupante no que tange à desproteção do trabalhador e dos ambientes onde atuam.

O Ministério da Saúde, ao elaborar a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violência, conceituou como violência quaisquer ações e eventos praticados por pessoas, classes, grupos ou nações que possam ocasionar danos físicos, emocionais, morais e/ou espirituais a si próprio ou a outros – por exemplo, agressão física, abuso sexual, violência psicológica ou institucional (BRASIL, 2000).

Para a Organização Internacional do Trabalho, a violência no local de trabalho é qualquer ação, incidente ou comportamento baseado em uma conduta voluntária do agressor, em consequência da qual um profissional é agredido, ameaçado, ou sofre algum dano ou lesão durante a realização, ou como resultado direto, do seu trabalho (OIT, 2016).

O setor saúde situa-se entre aqueles que apresentam maior número de estudos sobre a violência no trabalho (CAMPOS, 2003). Tais estudos mostram que, em todo mundo, a saúde apresenta elevado potencial para a ocorrência de agressões a trabalhadores, e a pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil confirma essa triste realidade, conforme pode ser visto pelos dados da *figura 1*, abaixo.

Figura 1. Percepção da violência e da discriminação pelos enfermeiros e auxiliares/técnicos de enfermagem – Brasil, 2013



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, 2013. Fiocruz/Cofen.

Quando foram perguntados se sofrem ou já sofreram, nos últimos 12 meses, alguma violência relacionada ao ambiente de trabalho, 43,6% dos enfermeiros e 27,3% dos auxiliares e técnicos de enfermagem responderam afirmativamente, o que se constitui em um expressivo contingente atingidos pela violência no local onde trabalham (MACHADO ET AL., 2016).

A violência opera no cotidiano das instituições sob múltiplas modalidades: psicológica, institucional, física e sexual. Entre os enfermeiros, os dados apontam com maior frequência a psicológica (66,2%); seguida pela institucional com 23,5%; pela física, com 10,6%; sendo a violência sexual a menos citada, com apenas 0,6%.

Quanto aos auxiliares e técnicos, deve ser observado que a violência psicológica também é o destaque com 67%, mas de

preocupação ainda maior é a presença da violência física ser a segunda maior incidência, acometendo mais de 240 mil (os auxiliares e técnicos, representam 77% da equipe de enfermagem, totalizando quase 1,4 milhão de trabalhadores)³.

No que diz respeito ao sofrimento de discriminação, ao serem indagados se já sofreram discriminação no ambiente de trabalho, 16,5% dos enfermeiros e 18,6% dos auxiliares e técnicos de enfermagem afirmam que já foram vítimas de alguma discriminação. Ao analisar a tipologia das discriminações, quais sejam: gênero, orientação sexual, racial, peso/obesidade e por ser portador de necessidade especial, é possível afirmar que, os auxiliares e técnicos de enfermagem que declaram ter sofrido alguma discriminação, sofrem mais de um tipo, ou seja, dos 18,6%

³ Para mais informações, consultar Machado et al. (2016).

(cerca de 260 mil profissionais) que afirmaram sofrer discriminação, foram reportadas mais de 230 mil discriminações.

Dentre os tipos de discriminação destacam-se, tanto para os enfermeiros quanto para os auxiliares e técnicos: a discriminação por gênero, que atinge mais de 50% dos enfermeiros e mais de 40% dos auxiliares e técnicos; seguida pela racial, com mais de 20% em ambos os segmentos e a discriminação por peso/obesidade, que representa 16,5% para os enfermeiros e 22,6% para os auxiliares e técnicos. É curioso que uma profissão fundamentalmente feminina aponte como principal tipo de discriminação a de gênero.

Diante deste quadro de violência e discriminação, acredita-se ser imperativo tanto para a equipe quanto para a segurança dos usuários, dos profissionais, dos serviços de saúde e da sociedade de forma geral a eliminação de todas as modalidades de violência nas relações laborais, sendo consideradas inaceitáveis quaisquer situações de ofensa à cidadania, que exponham os trabalhadores a realidade injusta que é a das múltiplas violências e discriminações a que são submetidos no mundo do trabalho.

A *figura 2*, abaixo, traz informações referentes à saúde no trabalho dos profissionais de enfermagem e levanta algumas questões consideradas críticas, vinculadas à saúde dos trabalhadores. Os números contabilizados para o desgaste não deixam dúvidas quanto à natureza das ações e das condições experimentadas por eles. Registra-se que 64,2% dos auxiliares e técnicos consideram sua atividade desgastante. No entanto, proporcionalmente, esse segmento apresenta-se com menor desgaste se comparado aos enfermeiros (71,7%). Tal fato implica a necessidade de compreensão dos múltiplos e variados fatores presentes no processo e no ambiente de trabalho desencadeadores desse desgaste.

A pesquisa revelou ainda que, independentemente do setor analisado – público, privado, filantrópico ou ensino –, a presença dos acidentes de trabalho é um fato. No entanto, é

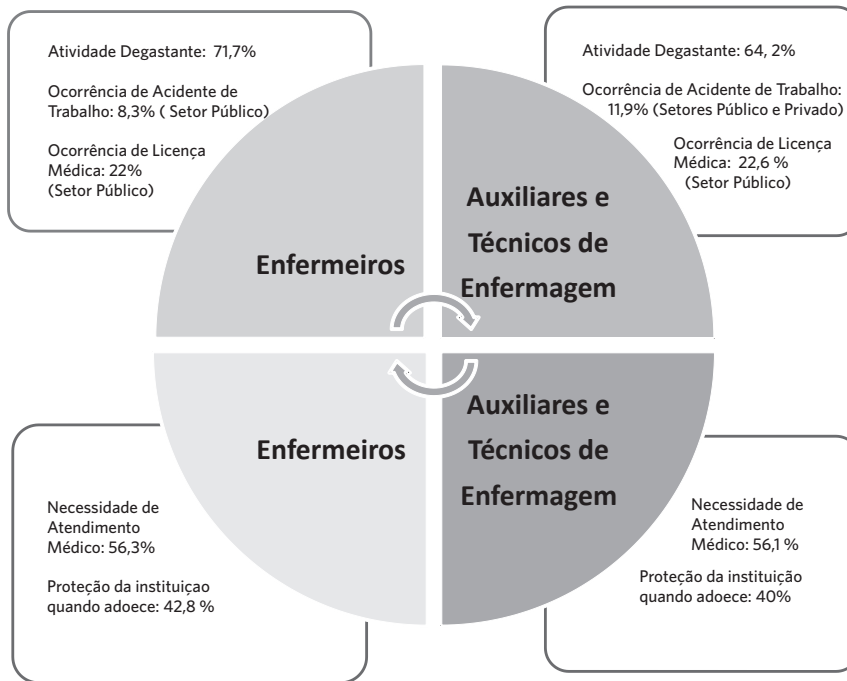
no público que os auxiliares e técnicos foram vítimas do maior número de acidentes de trabalho nos últimos 12 meses, representando 8,3%. Para os enfermeiros, tanto no setor público quanto no privado, a frequência de acidentes de trabalho nos últimos 12 meses foi de 11,9%, número este que demonstra um quadro expressivo de potenciais incapacidades temporárias ou permanentes, além de severos prejuízos causados à qualidade de vida dos trabalhadores e, ainda, para a necessidade de redução da incidência de acidentes nos ambientes de trabalho.

Quanto aos afastamentos por licença médica dos enfermeiros e auxiliares e técnicos nos últimos 12 meses, registra-se um número expressivo de profissionais (22% e 22,6% respectivamente) nessa situação no setor público. Esses percentuais representam quase um quarto de todo o contingente que atua nesse setor. Outro dado revelado reforça um ‘certo adoecimento’ dos enfermeiros e dos auxiliares e técnicos e confirmam os achados dos afastamentos por licença médica, quando mais da metade do contingente, ou seja, mais de 56% de ambos os segmentos declaram ter tido necessidade de atendimento médico nos últimos 12 meses.

Tais dados se revelam de grande importância, pois impactam diretamente sobre a assistência prestada aos usuários do sistema de saúde, uma vez que levam ao afastamento de profissionais do seu trabalho, causando sobrecarga nos que permanecem, bem como acarretando um custo elevado decorrente desses afastamentos para as instituições.

No entanto, nesse contexto de doenças, agravos e acidentes decorrentes de condições inadequadas de trabalho, tanto os enfermeiros quanto os auxiliares e técnicos informam que apenas um pouco mais 40% do contingente são assistidos pela própria instituição na qual trabalham quando adoecem, ou seja, embora lidem diretamente com o cuidado e com a saúde das pessoas, os profissionais não conseguem amparo institucional quando se trata do cuidado com a própria saúde.

Figura 2. Saúde no trabalho dos enfermeiros e auxiliares e técnicos de enfermagem – Brasil, 2013



Fonte: Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil, 2013. Fiocruz/Cofen.

Considerações finais

Este estudo mostrou algumas variáveis em relação às condições de trabalho dos profissionais de enfermagem e apontou necessidades de mudanças na organização do trabalho em função dos achados da pesquisa. Essas transformações requeridas visam relações mais saudáveis e dignas e apontam para a necessidade de promoção de mudanças nas condutas e práticas que se estabelecem no contexto do mundo do trabalho.

Assim, é essencial buscar a eliminação de todas as formas de condições inadequadas e insatisfatórias nas relações laborais, sendo consideradas inaceitáveis quaisquer situações de ofensa à cidadania e que exponha os trabalhadores a realidades injustas e inseguras no mundo do trabalho.

Ao se analisar os parâmetros encontrados

para quesitos presentes no relacionamentos, condutas e relações que persistem no trabalho, assim como os números apurados para a ocorrência de práticas violentas e discriminatórias e de desproteção e insegurança na saúde, vários desses itens foram considerados críticos.

Isso demonstra um cenário preocupante no mundo do trabalho da enfermagem, que traz à tona concepções e práticas negativas existentes nas relações de trabalho, que balizam a organização, o funcionamento e o *modus operandi* dos serviços de saúde e que devem ser modificados, por serem potencialmente causadores de insatisfações, riscos, danos, inseguranças e adoecimentos no trabalho.

Nesse sentido, a adoção de medidas relativas à transformação organizacional e ao trabalhador – como maior cooperação entre os membros da equipe de enfermagem e

equipe multiprofissional, melhora da comunicação entre eles, implementação de ações de saúde ocupacional voltadas para apoiar os profissionais na superação da carga psíquica e mental decorrentes do trabalho, acesso a equipamento de proteção individual como forma de reduzir os acidentes de trabalho etc. –, embora não venham a solucionar todos os problemas, podem em muito colaborar para a superação de alguns deles aqui apontados.

Em suma, ao disponibilizar uma série de dados relativos às condições de trabalho a qual estão submetidos enfermeiros, técnicos

e auxiliares, que em seu conjunto, constituem a maior parcela de profissionais da área da saúde e que, em sua maioria, atuam nos serviços 24 horas/dia, a pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil espera colaborar com as instituições representativas de classe e com o governo, em seus três níveis, para a busca efetiva de soluções ante os problemas levantados e para a implementação de políticas públicas voltadas para esses profissionais, no intuito de superá-los, de modo que eles possam ter condições dignas para atuarem, fortalecendo, assim, a profissão e seu exercício no País. ■

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM – SEÇÃO RIO DE JANEIRO (ABENRIO). *Cartilha do Trabalhador de Enfermagem: saúde, segurança e boas condições de trabalho*. Rio de Janeiro: ABEn, 2006.

BARRETO, I. S.; HUMEREZ, D. C.; KREMPEL, M. C. O Cofen e a Enfermagem na América Latina. *Enfermagem em Foco*, Brasília, DF, v. 2, n. 4, p. 251-254, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violência. *Rev. de Saúde Pública*, São Paulo, v. 4, n. 34, p. 427-430, ago. 2000.

CAMPOS, A. S. Violência e trabalho. In: MENDES, R. (Org.). *Patologia do trabalho*. Rio de Janeiro: Atheneu, 2003. p. 1641-1655.

FELLI, V. E. Condições de trabalho de enfermagem e adoecimento: motivos para a redução da jornada de trabalho para 30 horas. *Enfermagem em Foco*, Brasília, DF, v. 3, n. 4, p. 178-181, 2012.

GRECO, R. M.; MOURA, D. C. A *Condições de trabalho em enfermagem*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013, p. 1-23.

MACHADO, M. H. Notas metodológicas. *Enfermagem em Foco*, Brasília, DF, v. 7, n. esp., p. 6-8, 2016.

MACHADO, M. H. et al. Condições de Trabalho da Enfermagem. *Enfermagem em Foco*, Brasília, DF, v. 7, n. esp., p. 63-71, 2016.

MACHADO, M. H. et al. (Coord.). *Relatório final da Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil*. Rio de Janeiro: ENSP; Brasília, DF: COFEN, 2015.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). *O que é trabalho decente*. Disponível em: <www.oit.org.br/content/o-que-e-trabalho-decente>. Acesso em: 13 set. 2016.